

BRASEIRO
Peça de Marcos Barbosa

Fortaleza, abril de 2000

BRASEIRO

PERSONAGENS

Pai, Filho, Avó e Mãe.

CENÁRIO

Interior do nordeste do Brasil, início do século XX.

Uma pequena casa de modéstia absoluta.

Apenas o esboço de uma sala acoplada à cozinha. Uma porta e uma janela.

ATO ÚNICO

Escuridão.

Muito debilmente, a princípio, o ruído de um coração que bate acelerado começa a ser ouvido e lentamente intensifica-se, a ponto de preencher a sala. Só aos poucos tornam-se também audíveis o resfolegar de um garoto e seus passos rápidos em fuga. O som é cada vez mais intenso e tanto que, após algum tempo, há a nítida impressão de que o garoto está muito próximo.

Cessam os passos. O garoto pára para tomar fôlego e o faz com muito sacrifício. Puxa o ar em doses longas, forçadas e doloridas. É uma luta obrigar os pulmões a reter o ar.

Lentamente estabiliza sua respiração e o que resta são as batidas do coração, que também se aproximam gradativamente do compasso natural.

Surgem, ao longe, gargalhadas e gritos. Seis, talvez oito pessoas. Homens bêbados que chegam em algazarra. A impressão é de que vêm em festa. Estão alegres e excitados e compartilham um motivo único para a euforia.

O coração do garoto desestabiliza, acelera outra vez. A respiração volta a ser rápida, curta e intensa. A turba está cada vez mais próxima. Já se podem distinguir algumas vozes. Sobressai o chamado de um homem que, por sua entonação, parece ser algum tipo de líder.

ZÉ GALINHA (VOZ). Procura! Procura, que ele está aí! Pega ladrão!

Os outros homens reagem com gritos. Repetem “Pega Ladrão! Pega Ladrão!”

Sempre ofegante e de coração em descompasso, ouve-se o garoto pisando o mato, abrindo caminho entre galhos. Os homens já estão muito próximos.

ZÉ GALINHA (VOZ). Cala a boca! (os outros fazem silêncio) Cala a boca, deixa eu ouvir.

O que se ouve é apenas o que o próprio garoto escuta: seu coração incontrolável, a respiração racionada e gemidos de medo que ele, a força, tenta segurar na garganta.

ZÉ GALINHA (VOZ). Vai tu por ali e tu por baixo. Ele está perto.

Pisadas no mato. Os gemidos do garoto cada vez menos controláveis, a respiração impossível de prender.

De súbito cessam todos os sons. Uma pausa longa de silêncio absoluto.

Num rompante, um anúncio: “Está aqui! Pega ele aqui!”

Explode da garganta do garoto o grito que ele tentava prender. Há um grande alvoroço. Eufóricos, os homens trocam informações: “Vai por lá! Vai por lá que se ele vier eu pego! Vai um por cima!”

Do garoto só se ouvem os gritos, cheios do desespero de quem se vê acuado.

Aos poucos, todo este alarde começa a perder intensidade, a esmaecer. Os sons vão desaparecendo, restando apenas a voz de Zé Galinha que se diverte alternando com risos os gritos de “Pega ladrão!”

Aos poucos a cena é iluminada. Também a voz de Zé Galinha esmaece para dar lugar ao ruído constante e ritmado do trabalho do Pai, que amola um facão. O Filho olha pela janela, impaciente.

Acaba de anoitecer.

FILHO. Já escureceu.

PAI. Sua mãe sabe o que faz.

Por algum tempo não dizem nada. O Pai continua a amolar seu facão enquanto o Filho olha pela janela.

FILHO. Meu pai querendo, eu vou lá.

PAI. Fique aí. Se adiantasse de alguma coisa eu já tinha ido. Um de nós indo lá vai é piorar tudo.

FILHO. E esse negócio de Zé Galinha não é só com o senhor?

PAI. É com quem for do meu sangue.

FILHO. E a mãe?

PAI. Está segura.

FILHO. Sozinha desse jeito?

PAI. Está mais sua avó.

Uma pausa.

FILHO. Meu medo é mais por elas.

PAI. Deixe, que ela se ajeita.

FILHO. *(com cautela)* E essa história, meu pai? *(o Pai não responde)* Essa história do senhor mais Zé Galinha?

PAI. Tem história não.

FILHO. A tal da jura.

PAI. Coisa desse mundo sem lei. Quem é que bota lá ordem em nada? É coisa minha. Quer saber para quê?

Na falta de uma resposta o Filho cala por um tempo.

FILHO. Chega está me dando é agonia. Será se aconteceu alguma coisa?

PAI. Não. Nada.

FILHO. Como é que o senhor sabe?

PAI. Notícia ruim chega primeiro. Ligeiro aparece quem venha contar. Se não se sabe de nada, é porque está tudo em ordem.

Pausa.

FILHO. *(com alguma excitação, olhando pela janela)* Vem vindo gente.

O Pai pára de amolar o facão e também passa a olhar pela janela.

FILHO. Será se é a mãe?

PAI. Capaz.

FILHO. Vem só.

PAI. Será?

FILHO. Pelo visto.

PAI. Ainda está longe.

Investigam pela janela o vulto que se aproxima.

FILHO. É minha avó?

Pai e Filho permanecem à janela um tempo, para ter certeza.

FILHO. *(confirma)* É a avó sim, meu pai.

De expectativa contrariada, o Pai volta ao trabalho. Passado um tempo, entra a Avó.

FILHO. A bênção, minha avó.

A Avó não se dá ao trabalho de dar a bênção ao neto. Faz apenas um movimento com a cabeça. Observa o Pai, que finge não perceber, sempre amolando o facão.

AVÓ. *(para o Pai)* Está muito difícil, lá.

FILHO. E ele?

AVÓ. *(ainda para o Pai)* Ninguém sabe mais o que faça.

FILHO. A senhora viu?

AVÓ. *(para o pai)* Eu é porque não posso mais nada. Vou fazer o quê? Tinha que ser gente de força. *(pausa)* Lá não está bom, não.

FILHO. Conte como é lá, vó.

AVÓ. Chega meu peito está preso.

FILHO. Como é que ele está?

AVÓ. *(para o Pai)* Levanta, homem de Deus, faz alguma coisa.

O Pai não pára seu trabalho. É como se não tivesse ouvido nada.

FILHO. Eu vou lá ver.

PAI. *(para o Filho)* Fique aí.

FILHO. Deixa eu ir, pai.

PAI. E não já chega? Quer estar perto do teu irmão para quê? Vai servir de alguma coisa?

AVÓ. Vão matar meu menino...

PAI. Cale essa boca.

AVÓ. Estou dizendo é porque vi.

PAI. Só vê desgraça a senhora.

AVÓ. E não era para ver? Eu estava lá.

PAI. Adiantou de quê?

AVÓ. A gente faz o que pode.

PAI. Está certa. *(pausa)* Faz o que pode.

AVÓ. *(repetindo consigo o que disse o Pai)* “Só vê desgraça...” E era para ver o quê? Foi só o que tu trouxe para essa casa.

PAI. E o resto é todo mundo santo.

AVÓ. Ainda brinca. Como se fosse hora... Está bem dizer certo que vão matar ele. Bem dizer, já está é morto. E o que foi que se fez até agora? Que foi que se fez?

A avó olha em volta à espera de uma resposta que não vem.

FILHO. Sei mais nem o que eu diga.

PAI. Espere sua mãe chegar.

FILHO. E se nem ela volta?

Nenhuma resposta.

AVÓ. *(interpelando o Filho)* Eu vi o pobre... Todo amarrado. A cara chega faz é pena, coberta de sangue coalhado. Está muito difícil, lá. E sua mãe só, daquele jeito. Sem ter quem olhe por ela. Acertando tudo com Zé Galinha. Sabe lá o que pode acontecer? *(pausa)* Está lá, sem ter viva alma mais ela.

PAI. Dessa casa não sai ninguém.

Pausa.

AVÓ. Queira Deus que eles não peguem ela também.

FILHO. Melhor eu ir.

E vai, num impulso, em direção à porta. O Pai joga a pedra de amolar e o facão e avança rumo à saída, bloqueando o caminho do Filho.

FILHO. *(pede, evitando o olhar do Pai)* Pelo amor de Deus, meu pai.

O Pai não diz nada, mas continua bloqueando o caminho do filho.

AVÓ. Sai do meio, criatura! Deixa o pobre.

FILHO. *(aproximando-se do Pai com cautela)* É o mais certo.

O Pai dá um empurrão no Filho, fazendo-o recuar.

AVÓ. Está doido? Quer matar esse aí também?

PAI. Ninguém sai dessa casa enquanto eu não der ordem. Será o diabo? Que é que vocês dois querem mais? Se fosse de algum socorro eu já tinha ido! Esperem ela voltar!

O Pai continua à porta, face a face com o Filho, que não parece ter desistido completamente da idéia de sair.

PAI. *(para o Filho, quase pedindo)* Acredite em seu pai. Eu sei o que estou fazendo. Volte lá para seu canto. Daqui a pouco ela aparece.

O Filho cede e volta a ocupar seu lugar próximo à janela. O Pai retoma seu trabalho com a pedra de amolar e assim permanecem todos por algum tempo.

AVÓ. Agora é rezar para ela chegar. *(pausa)* Mundo sem lei. Só desgraça para mim e para minha filha. Perdeu-se tudo que tinha.

A espera volta a se arrastar.

AVÓ. Mas Deus é mais. Se aqui no mundo é desse jeito, perto Dele a história é outra. Lá tem a lei Dele, tem a quem se valer. Aqui é que se vive tudo jogado. Manda e desmanda que tem dinheiro e quem faz medo ao povo.

Mais silêncio e espera.

AVÓ. *(Para o Pai)* A desgraça da minha filha foi você-

De súbito, o Pai dá um murro na mesa e corta a fala da Avó.

PAI. Para quê tanto a senhora fala? Vai ajudar em quê?

AVÓ. A casa é minha, me deixe falar.

PAI. Por que foi que voltou? Por que não ficou mais ela?

AVÓ. Vim ver se arranjava ajuda. Serviu de nada.

FILHO. Escute o pai, minha avó. Se ele está dizendo é porque sabe. Daqui a pouco minha mãe chega. Talvez até com meu irmão.

AVÓ. Você está escutando demais esta conversa de seu pai.

FILHO. Mãe é parteira de nome. Todo mundo respeita.

AVÓ. Tem quem respeite, tem quem não. Lá em cima é tudo feito bicho. Não têm respeito a nada.

FILHO. *(repete para si, tenta se convencer)* Mãe está segura. Daqui a pouco ela chega.

AVÓ. Você é tão diferente de seu irmão... Ele a vida toda foi atrás do que tinha vontade.

PAI. Cada um tem seu jeito.

AVÓ. Esse puxou mais a você. Tem seu tino.

Pausa.

FILHO. Mãe mandou algum recado pela senhora?

AVÓ. Não disse nada. Não falou nem o nome de vocês.

FILHO. Tem nada não.

Aparece a Mãe, à porta, sem que ainda tenha sido vista.

FILHO. Daquí a pouco ela chega mais meu irmão-

O Filho interrompe sua última frase antes do fim, ao perceber a chegada da Mãe. Seu silêncio brusco chama a atenção do Pai e da Avó para o fato. Há um silêncio de espera pelo que ela tem a dizer.

MÃE. Vão matar ele. *(pausa)* Não teve quem desse jeito... Só soltam se daqui para mais tarde eu arranjar três boi para levar. E disseram que se ainda estão fazendo negócio é por prezar a meu ofício de parteira, senão já tinham era matado.

AVÓ. Meu menino, coitado.

PAI. Diabo.

MÃE. Tiraram a roupa dele. Está amarrado.

PAI. *(pensando consigo)* Três... *(para a Mãe)* E onde é que eu vou arranjar esses diabo de boi?

AVÓ. Estão tudo é doido. Jesus, Maria, José. O pobre amarrado num tronco, feito bicho.

Longa pausa. Por algum tempo tudo o que se ouve é o choque da pedra com o facão, servindo de pano de fundo para a tensão crescente e muda que se estabelece entre os presentes na sala.

FILHO. *(sem suportar mais a atmosfera, numa súplica)* E o que é que se faz?

PAI. Deixa eu imaginar para onde é que nós vamo.

MÃE. Eu vinha no caminho pensando.

PAI. Já sabe de alguma coisa?

A mãe faz que não.

PAI. Se fosse só um...

MÃE. Tem que ser três.

AVÓ. Arranjando qualquer coisa se negocia.

MÃE. Não, minha mãe. Disseram que não tem conversa. Ou leva os três boi ou matam ele.

FILHO. A gente pede a algum vizinho.

PAI. E isso lá vai dar jeito?

FILHO. Pede assim mesmo.

PAI. A quem? Me diga o nome.

O Filho não tem resposta.

MÃE. Se fosse ano de chuva...

FILHO. Será que nem indo mais longe?

PAI. E quem é que tem lá nada?

AVÓ. Parado é que não pode ficar.

PAI. Pois diga a senhora para onde é que se vai.

AVÓ. Por aí. Qualquer canto.

MÃE. Qualquer canto é onde?

Outra pausa.

FILHO. Vamo então na fazenda de Seu Otacílio.

PAI. Será?

AVÓ. Vão lá. Há de dar certo. *(para o Pai)* Você já trabalhou na São Judas. *(para a Mãe)* Não tem um filho dele que você não tenha aparado. A mulher dele só está viva por sua causa.

PAI. À gente ele nunca deu nada.

AVÓ. Ninguém nunca pediu.

FILHO. Vamo tentar.

MÃE. Não adianta. Eles querem os boi para agora.

FILHO. *(para o Pai)* Vamo assim mesmo.

PAI. Para estar de volta quando? De manhã?

AVÓ. E por isso ninguém faz mais nada?

MÃE. Em alguma coisa vai se pensar. Mas para isso tem que ter calma.

Pausa.

PAI. (*consigo*) São três boi...

FILHO. Algum jeito há de ter.

PAI. Três boi ninguém encontra perdido no mato. Ainda mais agora.

AVÓ. (*à Mãe*) Você falasse com ele! Falasse com Zé Galinha, para arranjar outro negócio...

PAI. (*à Avó, num alerta*) Deixe ela.

AVÓ. Se vê logo que essa história não tem por onde. Era para ser outra coisa.

PAI. Ninguém está podendo exigir nada.

AVÓ. Nem mexeu ainda um dedo para ajudar o que está lá.

PAI. (*à Mãe*) Ele não disse mais nada?

A Mãe tenta falar algo, mas cala.

FILHO. Diga, minha mãe.

MÃE. Zé Galinha só inventa o que não dá jeito.

AVÓ. E o que foi?

A Mãe cala.

PAI. Fale.

MÃE. Ele disse que perdoa o malfeito.

PAI. A troco de quê?

Nenhuma resposta.

FILHO. A troco de quê, minha mãe?

MÃE. (*para o Filho, vencendo o que a impede de falar*) Que você vá trabalhar para ele.

FILHO. Ora, mas se é isso eu vou.

O Filho olha em volta, tentando colher uma reação do resto da família. Pai e Mãe não conseguem sequer encará-lo.

FILHO. Se ele der ordem de soltar meu irmão vou com ele ainda nessa viagem.

AVÓ. Vá, meu filho. Vá dizer a Zé Galinha.

PAI. Não vai.

FILHO. Por que?

MÃE. Seu pai sabe o que diz.

FILHO. E meu irmão? Deixo matarem ele?

PAI. Tem de haver outro jeito.

FILHO. Qual?

O Pai não tem resposta.

FILHO. Que outro jeito é esse, meu pai?

PAI. Você não conhece Zé Galinha. Não sabe da história a metade. Se ele te leva embora, tu vai pensar igual um cachorro, que eu sei o que ele faz.

FILHO. Eu me viro, meu pai. Já sou homem.

PAI. Por isso mesmo é que fica. Há de ter outra maneira.

FILHO. Que é que ele ia fazer comigo? Ora, se ele lá pode nada... Eu acerto um tempo de serviço e depois volto.

PAI. Você não vai.

FILHO. E se for o jeito?

MÃE. Escute seu pai.

FILHO. Estou escutando, minha mãe. Estou escutando já faz é tempo. Mas e meu irmão? Morre lá?

PAI. Já basta perder um.

AVÓ. Vá, meu filho. Vá ajudar seu irmão. Não escute essa conversa de seu pai, não.

MÃE. Que é isso minha mãe? Ora, deixe de história! O que está lá amarrado por acaso é melhor que esse daqui?

AVÓ. É seu filho mais velho.

PAI. E por isso vale mais? (*indica o Filho*) Por isso é melhor que esse aí?

AVÓ. Olhe para ele. Já sabe o que faz.

PAI. Sabe lá nada. Se dissesse que era para ir no inferno buscar o outro ele ia.

AVÓ. Deixasse ele ir. É o irmão.

PAI. Quem fez o mal feito de roubar não foi esse.

AVÓ. Se o outro errou, ele conserta. Família é para estar lá quando o resto falta.

PAI. E a senhora? Fez o quê?

AVÓ. Já estou velha. Me diga o que é que eu posso? Ele é que ainda tem como ir lá, se o pai não faz nada.

MÃE. E essa conversa é para quê?

PAI. Se eu entro naquela terra eu morro. É a jura.

AVÓ. E se não entra, quem morre é teu filho, que a jura dele é mais certa. Está lá, agora, sofrendo de todo jeito.

PAI. Foi ele que fez o caminho dele.

AVÓ. Fez o caminho que pôde. A vida dele nunca foi fácil.

PAI. *(ironiza)* Vida fácil...

AVÓ. Passou desde pequeno por tudo que é de ruim.

PAI. *(indica o Filho)* E para esse aí? Foi diferente? Cadê que ele fez o que o outro fez? Cada qual toma seu rumo.

AVÓ. Meu menino...

PAI. *(para a Avó)* A vida toda só teve sua criação.

A Avó pára sua lamentação e fita o Pai.

AVÓ. Tomei conta dele porque não tinha pai.

PAI. O pai dele sou eu.

AVÓ. Encontrei meu menino mais de uma vez aqui, largado.

MÃE. Mamãe...

AVÓ. Sem pai e sem ninguém que desse algum socorro. Magro, quase que nem levantava. Onde é que estava o pai dele naquela hora? Prestou para quê? Largou minha filha sem nada. Sem sustento, sem trabalho. Deixou para trás até um menino de braço.

PAI. Foi por eles que eu fui embora.

AVÓ. Você foi embora para se livrar.

PAI. Que é que eu ainda podia fazer aqui?

AVÓ. (*indicando a Mãe*) Trabalhar. Como ela fez.

PAI. Tive que ir embora um tempo.

AVÓ. Por conta de uma besteira.

PAI. Besteira? A mão de Zé Galinha cortada fora é besteira?

AVÓ. Nem você não foi.

PAI. Mas foi meu irmão.

AVÓ. Sua jura era só para ficar fora da terra de Zé Galinha.

PAI. Eu estando aqui era perigo para vocês.

AVÓ. Queria era ficar só.

PAI. Então por que foi que eu voltei?

AVÓ. Deixou tudo aqui, entregue à sorte.

PAI. Eu ia levar esse povo na estrada como? Ia era morrer tudo. Aqui ainda tinha qualquer coisa.

AVÓ. Tinha lá o quê? O pobre era a cara da morte.

PAI. Fui arranjar dinheiro para ver se ainda podia dar a eles alguma ajuda.

AVÓ. Você sempre quis ter muito dinheiro.

MÃE. Mamãe, isso lá é conversa?

AVÓ. Virou jagunço por que? (*pausa*) Fala tão mal de Zé Galinha, mas trabalhou para ele! Era jagunço igual a ele. Você e seu irmão. E o serviço que ele mandasse você fazia. Quem entra nesse negócio é só por que quer dinheiro. Não é por filho, por mulher, por nada-

MÃE. Já chega!

Pausa. A Avó se retrai sob o olhar da Mãe.

MÃE. *(recobrando o auto-controle)* Enterre o que passou, minha mãe. Se nem eu falo mais nisso, não é a senhora que precisa falar. O problema aqui é outro e a pressa é muita. Tem que arranjar é um jeito de tirar aquele menino de lá.

Por algum tempo, a situação parece ter voltado ao instável equilíbrio anterior.

AVÓ. *(descontrolando-se de súbito)* Você só prestava para os de fora. Para os de casa você nunca foi nada.

PAI. Cale sua boca!

AVÓ. Diabo! Não conseguiu matar o filho, vai deixar que outro mate.

O Pai levanta-se. Está claro que é difícil para ele manter o controle.

MÃE. Mamãe, pelo amor de Deus.

AVÓ. Cão do inferno.

MÃE. Mamãe!

AVÓ. Cão amaldiçoado do inferno!

O Pai puxa o facão. A Avó se cala. Há um silêncio de medo da possível reação do Pai.

PAI. Sou homem e sou pai dos meus filho. Desse e do que a senhora levou. E respondo pelo que eu faço. Ouviu, velha? *(pausa)* Se aquele foi embora mais a avó, foi que eu não estava aqui para botar sentido, que nunca eu ia deixar um negócio desse acontecer. Nunca na minha vida.

MÃE. Pronto. Acabou-se a história. Agora é pensar no que se faz.

Pausa.

PAI. Mundo sem lei. Só se resolve tudo com morte. Pior é que ele sabia, mas foi atrás.

AVÓ. Quem disse? Capaz de ser tudo mentira.

MÃE. Todo mundo lá de perto deu conta que ele foi para roubar.

AVÓ. O povo dá conta de tudo. Daí a ser verdade...

PAI. Não ia ser a primeira vez.

AVÓ. Tudo história inventada.

PAI. A senhora sempre tomou o partido dele.

AVÓ. Alguém tinha que tomar.

PAI. Já que tirou ele da mãe, tivesse pelo menos ensinado um rumo certo. Desde ele pequeno que o povo dá conta de arruaça que ele arranja.

AVÓ. Comigo ele só aprendeu o certo.

PAI. Será?

AVÓ. Está duvidando?

PAI. Já escutei muita coisa.

AVÓ. Você trouxe sua família toda para morar na minha casa. Que foi que me viu fazer de errado?

PAI. Moro aqui faz pouco tempo e só porque se perdeu o pouco que ainda tinha. Nunca que, por minha vontade, eu vinha morar pegado na terra de Zé Galinha.

FILHO. Eu sou pelo meu irmão. Não deve ter roubado nada. Tem muita história inventada.

PAI. Roubou. Já é certo.

AVÓ. E se roubou? (*pausa*) Fala! Por isso pode morrer de apanhar, nu, amarrado? É esse o castigo dele? Deixe esse aí salvar o irmão!

PAI. A senhora não é inocente... Sabe o que é o negócio de Zé Galinha. A senhora viu meu irmão voltar daquela terra.

AVÓ. (*com algum sarcasmo*) Seu irmão...

PAI. Era um desgraçado. Era. Bem assim feito meu filho que a senhora criou.

AVÓ. Você devia era bater na boca. Seu irmão nunca valeu nada. Era igual a você. (*pausa*) Aliás, era melhor. Ele, por ruim que fosse, era de coragem. Você, nem isso. Meu menino não roubou nada. É mentira desse povo, tudo com inveja dele.

PAI. Roubou mais de uma vez. E quando era pequeno roubava a mando seu.

MÃE. (*fecha a discussão*) E se daqui para mais tarde eu não levar o que estão pedindo, matam ele!

Pausa.

PAI. Mais tarde quando?

MÃE. E eu sei? Como é que eu ia saber?

Outra pausa.

FILHO. Deve estar perto, meu pai... Sabe lá como é essa gente... Fale alguma coisa! O que é que se faz? Se ninguém sabe de nada, eu vou ver se dou jeito! Ficar parado é que não pode!

PAI. Seu tio morreu foi assim, nesta história do Zé Galinha... Você fica.

AVÓ. Deixa ele ir!

FILHO. Deixe, que eu vou.

AVÓ. Deixa ele ir de uma vez!

FILHO. É, meu pai...

AVÓ. Só desse jeito é que se salva a vida do outro.

FILHO. Ele também é seu filho.

AVÓ. Tivesse outro jeito...

FILHO. Pelo amor de Deus...

PAI. (*explodindo*) Pois vai!

Um silêncio.

PAI. Mas vai sabendo: Tu indo lá, só muda o nome do morto. Pensa que é só chegar lá e pronto, resolveu-se tudo? Sabe qual é o serviço que ele tem para tu? Diz, se tu sabe...

O Filho não responde.

PAI. Vai ser jagunço daquele lá, como eu fui! Tu não já é homem? Pois faz logo essa tua vontade! Tanto que quer salvar o irmão vai ter que matar filho, irmão, pai de um monte de gente. Você sabe lá o que eu já fiz a mando de Zé Galinha? Quem trabalha para ele faz o que ele quer. Faz tudo sem perguntar. (*pausa*) Tu nunca viu foi nada. Essa coragem toda é para quê? Na hora o sangue falta e quem fraqueja está perdido. Tanto empenho teu de salvar o irmão e quem vai morrer é tu. Pensa que eu não sei o que é? Meu irmão eu vi morrer na minha frente.

Percebendo que o Pai está no limiar do desmonte, a Mãe aproxima-se dele. É um apoio, uma ajuda.

PAI. E o erro dele foi ser melhor que o resto. Foi olhar na cara de Zé Galinha e dizer que tem mal-feito que ninguém deve fazer. Falou por mim, que não tive coragem para fazer um serviço. Tem porcaria que não cabe ao pior vivente. Tem troço que não dá para fazer. Não dá. (*pausa*) Se pegaram os dois na faca. Meu irmão arrancou fora a mão de Zé Galinha. Os outro mataram ele. Amarraram e judiaram de todo jeito para depois matar. Você não sabe como é... Eu sei. (*pausa*) Eu vi. (*pausa*) Vai, desgraçado! Volta num saco de milho sem colhão e sem olho, feito teu tio! (*já quase sem nenhuma força na voz*) Vai trabalhar a serviço daquele diabo, para ele ter raiva de ti e esfolar tua

carçaça! Ande logo, se enfie estrada adentro! Quer salvar teu irmão ladrão, vai! está certo eu perder meus dois filho. É meu castigo.

Uma pausa. Todos aguardam uma reação do menino. Ele hesita.

AVÓ. Virgem santíssima, mãe de misericórdia... Vão matar meu menino.

O garoto segue em direção à porta, mas quando está prestes a sair pára e hesita por um tempo. Vencido, enche-se subitamente de uma absoluta ferocidade. Pega um dos bancos da casa e, com ele, dá vários golpes no chão, grita. Continua assim, até que o banco quebra e ele senta, exausto.

Longa pausa.

PAI. Tem mais quanto tempo?

MÃE. Deve de ser pouca coisa...

Pausa mais longa ainda.

FILHO. E o que é que se faz?

MÃE. Deus é que sabe... Arranjar assunto com eles é que não vai dar jeito. Não querem conversa, já estão tudo é bêbo, arranjando galho seca para fazer fogo. Disseram que ladrão só presta é queimando vivo, para o sangue não apodrecer o chão.

AVÓ. Mãe Santíssima, me mate antes de eu ver ele morrer desse jeito... Tenha pena de mim, minha mãe...

PAI. Isso é tudo castigo. Castigo pelo que eu já fiz. Estou para ver o que ainda falta.

AVÓ. Tem castigo pelo que se fez e pelo que não se fez.

MÃE. Só quem resolve isso é Deus.

AVÓ. *(indica o Pai)* É por culpa dele que estão judiando do pobre, lá.

MÃE. Conversa sua, minha mãe. A senhora lá sabe de nada.

AVÓ. O que meu menino fez é coisa pouca. Não é para morte. Se ele está lá preso é para pagar a conta do teu marido.

MÃE. Nossa desgraça a gente mesmo faz.

AVÓ. É por causa dele e ele sabe. Não está ouvindo ele dizer? Ele sabe. Pergunte a ele.

Pausa.

PAI. *(um pouco alheio à situação)* Será que vai ser assim a vida toda, até o dia de eu morrer?

MÃE. Tenha fé.

PAI. Eu tenho. Mas meu fim já foi traçado.

AVÓ. Quando falta a coragem, é porque não tem mais nada.

Mais silêncio. O Pai, quase em transe, corre o dedo pelo fio do facão que amolou.

AVÓ. Mas um dia vai ter paga. Na frente de Deus não se assume culpa por outro. Quem errou é que responde. Um dia a paga vem.

Espera. O Pai observa estranhamente o facão amolado, perdido em seu pensamento.

AVÓ. E quando for para ajeitar a conta certa, há de se responder pelo que pagaram em nosso nome. É a justiça de Deus. A mais certa. Nunca falha.

MÃE. Não diga mais nada, minha mãe! Ninguém quer mais ouvir! Tudo que a senhora diz é por ruindade. Para isso também há de ter acerto.

PAI. (*consigo*) Eu vou lá.

MÃE. O quê?

PAI. Vou lá.

MÃE. Vai como, criatura?

PAI. Lá eu vejo o que eu faço.

MÃE. Você não pode, homem de Deus.

PAI. Só tem esse jeito.

MÃE. Se tu entrar lá, te matam também.

PAI. É meu castigo. Está traçado.

MÃE. Esquece essa conversa. Está aí o teu filho. Quer que ele fique sem o pai?

PAI. Por bem ou por mal o fim é esse.

MÃE. Só quem decide isso é Deus.

PAI. Para tudo tem uma paga.

MÃE. (*retendo a força uma explosão*) Vão achar é bom. Vão matar pai e filho de uma vez só.

AVÓ. Deixa. Ele é que sabe. Ele sente. Meu menino está pagando o pecado alheio.

MÃE. Ele está pagando é o pecado de roubar.

AVÓ. Zé Galinha quer é vingança.

PAI. Pois se é para o sangue correr, vamo fazer logo o serviço. *(vai até um pote e tira água, lava o rosto)* Que eu não vou abandonar filho meu em mão de assassino. Antes de matarem ele e eu, levo mais cinco para o inferno.

MÃE. Você está de cabeça virada. Não sabe mais o que faz.

PAI. Nem precisa. Lá eu vejo o que dá para fazer.

MÃE. E de que é que adianta? Eles têm lá medo de nada?

PAI. *(para o Filho)* Se tu quiser vir também é só trazer a foice.

O Filho olha para o Pai, em silêncio.

MÃE. Homem, deixe disso...

PAI. Querendo vir, a hora é essa.

O Pai apanha o facão. O Filho permanece estático.

MÃE. Deixe isso de mão, criatura!

PAI. *(Para o Filho)* Teu pai estava errado, quem estava certo era tu. Se não te pegarem hoje, pegam mais tarde.

MÃE. *(quase ameaçando)* Deixe ele aí.

PAI. *(controlando-se)* Está direito. Tome conta da sua mãe... *(descalça as sandálias e as entrega ao Filho)* Pegue. Fique para você...

O menino não recebe as sandálias, sequer olha para o Pai.

PAI. Pegue, rapaz!

Este quadro perdura por algum tempo, só a muito custo, Pai e Filho trocam olhares.

FILHO. Eu vou mais o senhor.

MÃE. *(surpresa, tenta impedir o Filho)* Meu filho-

O Filho desvencilha-se e sai.

MÃE. *(para o Pai)* Não vá, não... Se vocês três morrem no mesmo dia o que é que me fica?

PAI. E lá é questão de querer? Vou só pagar o que devo.

MÃE. Vocês vão me deixar só. Só no mundo.

PAI. Está aí sua mãe. Fique mais ela.

MÃE. Pelo amor de Deus. Não me deixe só de novo. Não me deixe só nesse mundo outra vez.

PAI. E tem outro jeito? Me diz se tem outro jeito?

MÃE. Entregue nas mãos de Deus... Deus é mais.

Volta o Filho, com a foice.

FILHO. Vamo embora, meu pai.

O Pai vai em direção à porta, mas a Mãe é mais rápida. Corre até o Filho, toma-lhe a foice e coloca-se na porta ameaçando os dois.

MÃE. Vocês não vão! Ninguém me sai dessa porta!

FILHO. Deixe disso, minha mãe.

MÃE. Volte para trás!

AVÓ. Minha filha, o que é isso?

MÃE. Eu é que sei.

PAI. Larga essa foice. Quer fazer uma arte?

MÃE. Deixe ele lá. Se os três morrem de uma vez eu vou fazer o quê?

PAI. É teu filho que está lá, mulher!

AVÓ. É teu filho.

MÃE. *(aponta o Filho)* E esse aqui é o quê? *(para o Pai)* E você? Ai, meu Deus, não me leve os três. Agora como é que vai ser? Eu não agüento. Ficar só outra vez eu não agüento...

AVÓ. E vai fazer o quê, minha filha? Eles indo ainda tem uma chance.

MÃE. *(para o Pai)* Entregue seu pecado a Deus. Quem tem que dizer o certo do errado é ele.

PAI. Me dá essa foice.

MÃE. (*explode*) Não!

A Mãe continua de lâmina em punho. Seu grito, seus olhos e a arma em riste deixam claro que a ameaça não é vazia.

MÃE. Volta para trás! (*pausa*) Espere mais... Espere mais que vai ter jeito. Para tudo tem jeito.

A Mãe sente faltarem-lhe as forças e escorrega até o chão, apoiada no beiral da porta. O Filho volta à janela. Durante um tempo, tudo o que se ouve é o soluço cada vez mais abafado da Mãe.

PAI. Essa história de vingança já era para estar resolvida. Ele tinha saído na vantagem. Zé Galinha ficou sem a mão, eu perdi o irmão que eu ainda tinha. Mas o outro tinha de ir roubar nas terras daquele lá e começar de novo essa pega. (*Por um tempo, o Pai estuda o lugar e parece então chegar a um veredito. Dirige-se à Mãe.*) Esse povo só entende é de sangue e dinheiro. Vá lá dizer que vamo embora, que ele fique com a terra daqui. Deve bastar.

A Avó assusta-se com a sugestão.

AVÓ. Essa terra é minha.

PAI. É o quê?

AVÓ. Esse resto de terra é meu.

PAI. Pois é com isso que eu vou comprar a vida do teu menino. Ligeiro se esquece a vingança quando o negócio é bom.

AVÓ. Essa terra não vale é nada. É mesmo que só pedra. Vai servir para quê?

PAI. Há de bastar.

AVÓ. É minha terra.

PAI. Pois vá lá fazer o negócio! Isso a senhora faz direito, velha como seja. Vá salvar seu menino. Ele está lá, lavado de sangue, nu, amarrado. Vai ver até que já fizeram coisa pior com ele.

AVÓ. Deixe minha terra, sujeito! Vá resolver sua vingança você só! Deixou minha filha sem nada a vida toda e agora quer tirar o que é meu.

MÃE. Indo embora daqui, se começa vida nova, mãe...

AVÓ. Enterrei seu pai foi aqui. Vou ficar é aqui.

PAI. Perdeu o juízo? Tem lá outro jeito?

AVÓ. Ele quer é boi!

FILHO. A terra é mais. Terra a gente arranja depois, noutro canto melhor. Vá lá, mãe, feche o negócio.

AVÓ. A terra é minha, fulejo!

FILHO. *(para a mãe)* Vá salvar o outro, minha mãe!

AVÓ. Não vai. Não vai! *(para a Mãe)* Fala para ele. Fala!

MÃE. É para salvar a vida do menino...

AVÓ. Fala para teu marido, maldita!

PAI. *(para a Mãe)* Vá buscar ele.

AVÓ. Tudo ladrão. Roubando minha terra!

MÃE. Que conversa feia é essa, minha mãe? A gente dá o que tem! Quer salvar o outro como?

AVÓ. E nós? Sai daqui para onde? Sem rumo? Para morrer no meio do caminho?

PAI. E faz o quê? E o que é mais que se faz?

AVÓ. *(para si, quase inaudível)* Deixe ele lá...

PAI. Disse o quê? *(pausa)* Como foi?

AVÓ. Deixe ele lá... A vida toda só arrumou chafurdo. De todo jeito, o fim dele é esse.

PAI. Ele pode ser ladrão como for, mas tem pai. *(para a Mãe)* Vá buscar ele.

AVÓ. Raça de demônio!

A Avó, num impulso, parte para cima do Pai, com intuito real de agredi-lo, mas é contida por sua filha, que a detém a muito custo.

AVÓ. *(tentando se livrar)* Tudo tem parte com o diabo! Sangue ruim! Vai tudo queimar no inferno! No fogo aceso do inferno, que Deus maldiga!

FILHO. *(grita, numa ferocidade que espanta o resto da família)* Cala a boca, minha avó! Cale essa sua boca!

Pausa. Todos se voltam para o Filho. Ouvem-se, num crescendo, os estalidos de uma fogueira.

FILHO. Guarde sua terra. É sua. Se enterre aqui, a sete palmos, a senhora com meu avô, meu pai, minha mãe, nós tudo. *(indica a janela)* Olhe! Olhe lá, minha avó. Não está vendo o fogo? *(pausa)* Para o meu irmão o inferno já está queimando.

Pela janela o menino observa a fogueira ao longe. Silêncio absoluto. Pouco a pouco, Pai, Mãe e Avó aproximam-se da janela. A luz fecha lentamente enquanto o som dos estalidos da fogueira se torna cada vez mais alto.

Cai o pano.